

Projeto: Entre a casa, as ruas e as instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da produção acadêmica sobre acolhimento institucional para crianças e adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – CARINHANHA, Joana labrudi; PENNA, Lucia Helena Garcia. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigamento. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, São Paulo, v.21, n.1, p. 68-76, Jan-Mar. 2012.

2) Resumo e Palavras-Chave – Considerando que as adolescentes abrigadas podem ter uma visão diferenciada sobre o significado da violência, buscou-se identificar e compreender a vivência da violência na ótica das mesmas. Pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas semiestruturadas com 11 adolescentes acolhidas num abrigo municipal do Rio de Janeiro. Na análise dos depoimentos utilizamos a técnica de análise de conteúdo (temática), tendo emergido as violências vividas nos espaços por onde circulam as adolescentes: a família, a comunidade e o abrigo. A compreensão da violência pelas adolescentes é pontual e bastante concreta, da ordem do vivido. Têm dificuldade em perceber a complexidade do fenômeno, referindo-se, basicamente, à violência comunitária e intrafamiliar que lhes são tangíveis. Os resultados apontam a necessidade de maiores investimentos na discussão do processo de vulnerabilidade e de desafiliação das adolescentes, vivido ao longo de suas vidas, suas raízes e repercussões.

Palavras-Chave: violência; violência contra a mulher; adolescente institucionalizado; saúde do adolescente.

3) Objetivo do estudo – Entendemos haver peculiaridades quanto à violência vivida pela adolescente em situação de abrigamento, principalmente pela assimetria de gênero, por ser adolescente e estar institucionalizada (afastada do convívio familiar), o que torna tais condições relevantes diante das recomendações governamentais sobre a assistência a adolescente em situação de violência, bem como seu direito à convivência familiar. Entendendo que estas jovens podem ter uma visão diferenciada sobre o significado da violência e o impacto desta sobre suas vidas, buscamos, com este trabalho, compreender a vivência da violência na ótica das adolescentes acolhidas em instituições de abrigamento. Buscou apreender os significados, subjetividades, valores, sentimentos, experiências, opiniões, atitudes e motivações contidas nos discursos das adolescentes em situação de abrigamento e envolvidos na problemática da violência vivida pelas mesmas.

4) Tipo de pesquisa – Trata-se de um estudo do tipo exploratório com abordagem qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro previamente elaborado.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Após a coleta dos depoimentos, que foram gravados em meio digital, realizamos a transcrição dos mesmos e sua análise através da modalidade temática da técnica de Análise de Conteúdo, que agrupa as temáticas principais presentes nos depoimentos em categorias analíticas.¹² As categorias que emergiram desse processo foram: Caracterização geral da violência; Violências vividas no ambiente familiar; Violências vividas na comunidade; e Violências vividas no abrigo

8) Resultados / dados produzidos – Sobre a caracterização da violência, as adolescentes, de modo geral, identificaram claramente a natureza dos atos de violência que existem: física (bater), psicológica (tratar mal) e sexual (abuso sexual), particularizando os crimes (matar e roubar). Contudo, ao contrário do que esperávamos, mais da metade das adolescentes entrevistadas teve dificuldade em assumir a vivência de situações de violência. Muitas situações de violência intrafamiliar não são percebidas como violência, mas principalmente como uma medida educativa. A coerção, como medida educativa, também é aceita pelas adolescentes, quando praticada pelos profissionais do abrigo. Percebemos a ambiguidade das adolescentes de que não existe limite entre o que pode ser considerada uma medida corretiva aceitável e o que configura uma violência. Sobre as violências vividas na família, a maioria das situações identificadas pelas adolescentes como sendo violência, aponta para o ambiente familiar, caracterizando a violência intrafamiliar. Ao contrário do que se poderia pensar, principalmente por se tratarem exclusivamente de mulheres e de classes populares numa sociedade patriarcal, apenas uma adolescente revelou ter sido abusada sexualmente. Além desta faceta da violência de gênero, encontramos, revelada por duas adolescentes, a vivência da gravidez como uma violência, seja por ter acontecido de forma não planejada e não desejada, seja pela rejeição do parceiro, ou ainda, pela possibilidade de um aborto como solução, mas não como resultado de abuso sexual. Sobre as violências vividas na comunidade, estas adolescentes estão experimentando a dura e perversa ordenação imposta pelas organizações criminosas, as quais usam a virilidade na resolução de conflitos, punindo os infratores com violência, muitas vezes mortal. Encontramos também a percepção da influência do grupo de convivência para a aceitação da violência como forma de resposta às situações cotidianas, tais como o incentivo ao uso de drogas, cometer delitos, reagir com agressividade, ou mesmo relacionar-se com pessoas de má índole. Sobre as violências vividas no abrigo, a vivência da violência no abrigo, segundo as adolescentes entrevistadas, está associada com as relações violentas, sobretudo, entre as adolescentes e os profissionais, mas também entre elas próprias. A compreensão acerca da violência pelas adolescentes é pontual e bastante concreta, da ordem do vivido, tendo dificuldade em perceber as interligações, a complexidade do fenômeno.

9) Recomendações – Discutir mais com as mesmas o processo de vulnerabilidade/desafiliação que vivenciam ao longo de suas vidas, suas raízes e repercussões, buscando com elas outros modos de viver, fortalecendo sua auto-estima e o potencial transformador da realidade.

É claro que isto não pode ser desvinculado de mudanças nas políticas públicas de atenção aos adolescentes, que pressupõe a mudança na mentalidade da sociedade e dos profissionais sobre essas jovens, às quais lhes é oferecido muito pouco.

10) Observações e destaques – As adolescentes, de modo geral, identificaram claramente a natureza dos atos de violência que existem: física (bater), psicológica (tratar mal) e sexual (abuso sexual), particularizando os crimes (matar e roubar). Contudo, ao contrário do que esperávamos, mais da metade das adolescentes entrevistadas teve dificuldade em assumir a vivência de situações de violência.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.